

O REFERENCIAL DA FENOMENOLOGIA PARA A PRÁTICA DE PESQUISA

A PHENOMENOLOGICAL REFERENCE FOR RESEARCH PRACTICE

MAGALI ROSEIRA BOEMER*, MARCIA BUCCHI ALENCASTRE**

RESUMO

Os autores procuram explicitar algumas idéias básicas da fenomenologia, que Husserl denominou de ciência do vivido e que tem dado suporte teórico-metodológico para pesquisas em enfermagem.

Chamam a atenção para facetas importantes desta modalidade de pesquisa qualitativa, ressaltando a questão do rigor científico.

ABSTRACT

Suthors try to explain some basic ideas of phenomenology, called by Husserl as science of past experiences and that has offered theoretical-methodologic support to nursing research.

They emphasize important aspects of this modality of qualitative research and showing the question of scientific rigidity.

A fenomenologia surgiu no início deste século, com Edmund Husserl, a partir de sua inquietação com o que designou de "insuficiências das ciências humanas". Tal inquietação se deu em um contexto em que a única concepção de ciência era a das chamadas

ciências naturais, fundamentada no pensamento filosófico positivista de Comte.

A contestação de Husserl se fez no sentido de que determinados objetos, interligados às ciências humanas, não são passíveis de serem estudados sob aquela ótica, carecendo de uma outra forma de abordagem, de aproximação, de acesso. Movido por essa idéia, propôs a criação de uma ciência que possibilitasse o estudo de objetos pertinentes à esfera das ciências humanas, podendo, assim, resgatar a subjetividade, a experiência vivencial, o vivido (7).

*Prof. Associado Aposentado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto -USP. Vínculo atual com a Pós Graduação.

**Prof. Doutor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto -USP.

A esta ciência do vivido Husserl denominou fenomenologia.

Chauí (5) nos possibilita localizar a grande contribuição da fenomenologia quando afirma que “antes da fenomenologia, cada uma das ciências humanas desfazia seu objeto num agregado de elementos de natureza diversa do todo, estudava as relações causais externas entre esses elementos e as apresentava como explicação e lei de seu objeto de investigação. A fenomenologia garantiu às ciências humanas a existência e a especificidade de seus objetos”.

O entendimento de todo um contexto a partir do qual emergiu a fenomenologia é condição básica, fundamental para o pesquisador que se dispuser a percorrer este caminho de investigação.

À fenomenologia enquanto um movimento filosófico, estão intrínsecas algumas idéias, diretrizes que a configuram como tal. O lema de Husserl “*volta às coisas nelas mesmas*”, lembra Capalbo (3), nada mais é que uma tentativa para se chegar às coisas de uma forma livre de preconceitos ou pressupostos interpretativos. E por isso que define a fenomenologia como ciência dos fenômenos, “isto é, daquilo que é imediatamente dado em si mesmo à experiência da consciência ou como presença à consciência”. O que se visa é descrever o fenômeno, procurando, pouco a pouco, que o seu núcleo essencial se desvele à consciência.

“Ir às coisas mesmas significa um campo de inquérito infinito e que inclui as possibilidades de os fenômenos mostrarem-se ao olhar daquele que investiga.

Estas idéias, ainda que revestidas de uma coerência lógico filosófica, podem se apresentar como abstratas para o pesquisador iniciante. Procuraremos explicitar algumas delas.

Podemos dizer, então, que o conteúdo inteligível dos fenômenos, em seu aspecto essencial, é captado por uma visão imediata ou intuição da essência. Intuição é o ato do conhecimento humano que nos dá uma evidência; é o ponto de partida, não um ponto final. É ela que nos permite chegar à

essência. Segundo Martins & Bicudo (8), a intuição (*Anschauung*) é uma forma de contemplação; é fonte de autoridade para o conhecimento.

Bicudo (1) lembra que a essência de que trata a fenomenologia não é uma idealidade abstrata, separada do mundo, mas é uma essência encontrada na multiplicidade de modos possíveis pelos quais os entes se apresentam no cotidiano vivido. Ela não é dada de imediato na experiência do fenomenal, mas para ser vislumbrada é preciso que se caminhe a trajetória do pensar rigoroso; esse pensar acontece intencionalmente no mundo-vida (*Lebenswelt*) onde o ser humano vive e onde há, para ele, um ao redor, um fenomenal.

No pensamento fenomenológico de Husserl, fenômeno é tudo que surge para uma consciência, aquilo que se manifesta a ela. A intencionalidade da consciência é, portanto, um dos pressupostos filosóficos da fenomenologia e diz respeito à direção da consciência. Assim, consciência é sempre consciência de.

Se consciência é sempre consciência de alguma coisa e se o objeto é objeto para uma consciência, é inconcebível sair dessa intersecção, dado que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto. Bicudo (1) refere que a consciência na fenomenologia é intencionalidade, é voltar-se para, é abertura para o mundo. Ela não é consciência isolada e constituinte, mas sim consciência de um ser humano que está no mundo. Isso significa que é consciência situada no mundo real vivido, mundo esse que se doa e se oculta à percepção do homem.

A fenomenologia vai sempre dirigir-se para a experiência e emprega, necessariamente, uma forma de reflexão. Esta reflexão deve incluir a possibilidade de observar as coisas como elas se manifestam. É sua pretensão recolocar o sujeito no seu lugar, não permitindo a sua objetivação. É o deslocamento do fato para o fenômeno.

Quando um fenômeno se mostra, ele se mostra dotado de um sentido, de uma essência que revela aquilo que é. O mostrar-se de

um fenômeno ao olhar de alguém exige um voltar-se atento, uma intencionalidade daquele que olha. Esse olhar atento realiza-se apenas quando o fenômeno surge na experiência da pessoa que o olha. Assim, o fenômeno não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fronteiras difusas, onde estão outros objetos co-percebidos (1).

Schutz (12), ao se referir às bases fenomenológicas, menciona que a proposta de Husserl era a criação de uma Filosofia sem proposições. Seu ponto de partida irreduzível são as experiências do ser humano consciente que vive e age em um mundo que ele percebe, interpreta e que faz sentido para ele.

A fenomenologia é uma ciência descritiva, com vistas à compreensão, entendida como o processo mental pelo qual compreendemos a experiência de vida humana. E o ato que constitui nosso melhor contato com a vida ela mesma, abrindo-nos o mundo das pessoas (9).

A compreensão é uma forma de conhecimento anterior ao raciocínio, pois ela é vivida em lugar de ser pensada. A linguagem é a articulação da compreensão, que é anterior às palavras (6). Falar articulado e inteligível sobre o que se mostra é o discurso, o logos se expondo na comunicação (1). Dada sua natureza de ciência descritiva, a descrição será fundamental para a fenomenologia e tem o significado de *des-ex-crivere*, isto é, de algo que é escrito para fora. Ela explicita o pensamento e a percepção do mundo (8).

Há de se considerar que a sensibilidade, a intuição e a empatia se constituem em formas de acesso ao outro e, portanto, possibilitam uma descrição reveladora e doadora de significados no que concerne à apreensão do outro naquilo que se mostra a ele através de sua experiência vivida. A co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões e interpretações, instalando-se, assim, a esfera da inter-subjetividade.

A questão da subjetividade assume relevância ímpar para a fenomenologia, dado que ela pretende justamente resgatar essa subjetividade, cujo valor foi negado pelo modelo

das ciências naturais. Assim, mais do que resgatar, a fenomenologia vai perseguir essa subjetividade, pois considera que nada é objetivo sem que antes tenha sido subjetivo. Nesse sentido, é através da subjetividade que podemos alcançar graus de objetividade, entendida como objetividade em perfis, em perspectivas. O caminho para esse alcance é a inter-subjetividade.

Conforme reafirma Capalbo (4), a existência não é isolada; na realidade é uma experiência de inter-subjetividade, de comunicação entre pessoas, de modos de relacionamento interpessoal. A inter-subjetividade é o encontro de subjetividades.

Algumas das idéias básicas do referencial fenomenológico foram explicitadas. Trabalhar com estas idéias, compreendê-las e articulá-las se constitui em um caminho para a produção de conhecimento e, sob este aspecto, já estaremos na esfera da metodologia de pesquisa fenomenológica.

Iniciar a reflexão sobre os pressupostos filosóficos que dão sustentação à fenomenologia é nossa intenção neste artigo, revelando-a como possibilidade de gerar conhecimentos científicos em enfermagem.

Temos visto e vivenciado que as idéias básicas da fenomenologia têm se revestido de grande relevância para os enfermeiros, no que se refere à pesquisa e à assistência. Por lidarem com o humano no ato de cuidar, essas idéias são muito pertinentes ao seu cotidiano. E nesse humano têm um objeto fecundo de investigação.

Boemer & Rocha (2) lembram que os enfermeiros, preocupados com as relações interpessoais em toda sua abrangência e considerando os co-determinantes gerados por profundas modificações decorrentes da intensificação tecnológica, se voltam para idéias que venham contemplar a perspectiva do sujeito a quem o cuidado é prestado. A linguagem, a relação dialógica, a inter-subjetividade emergem, então, como componentes essenciais na produção de um novo conhecimento. Essas autoras lembram ainda que a fenomenologia se apresenta como um

referencial para fundamentar investigações pertinentes ao cotidiano de trabalho dos enfermeiros, quando se fazem presentes situações de dor, sofrimento, perdas, relações empáticas e conflitivas.

Cabe-nos também situar a pesquisa fenomenológica no universo da metodologia de investigação. Ela se insere no campo da pesquisa chamada qualitativa e seu delineamento irá ao encontro das ciências cuja natureza dos objetos de investigação requer outra forma de apreensão. A pesquisa qualitativa coloca-se, então, a partir da década de 70 como opção metodológica para os enfermeiros.

Segundo Ray (10), as limitações da metodologia clássica de investigação vinham conduzindo para uma visão parcial do processo dinâmico das experiências vividas num contexto histórico e cultural. A dificuldade em reunir esses aspectos levou os pesquisadores a examinar a importância dos métodos qualitativos. Essa autora lembra ainda que a enfermagem, ao lado de outras áreas está engajada em um processo de reexame, dado que a ciência, em geral, tem um novo ponto na história.

Sauer (11) compartilha desse pensar ao afirmar que o paradigma das ciências humanas é bastante pertinente à área de enfermagem porque possibilita metodologias que podem levar a formas de compreensão da experiência humana.

Martins & Bicudo (8), nomes brasileiros respeitáveis em pesquisa qualitativa, lembram que ela é concebida como sendo um empreendimento mais abrangente e multidimensional, havendo uma variedade de procedimentos metodológicos e de concepções que estão sendo desenvolvidos por vários pesquisadores para contemplar os aspectos qualitativos dos fenômenos pesquisados.

Boemer & Rocha (2) atentam para alguns aspectos que podem gerar equívocos e que dizem respeito ao uso de termos como pesquisa qualitativa, etnográfica, fenomenológica, participante, estudo de campo, muitas vezes empregados indevidamente como equi-

valentes. Lembram essas autoras que há diferentes modalidades de pesquisa qualitativa. Cada uma guarda uma relação ímpar com seus pressupostos, métodos, papel do observador, técnicas de coleta de dados e o delineamento mesmo da pesquisa.

As modalidades não devem ser miscigenadas. Triviños (13) também se posiciona contra essa mistura de correntes de pensamento, caracterizando-a como uma indisciplina intelectual. Assim, os diferentes caminhos metodológicos precisam ser percorridos com fiel observância aos pressupostos filosóficos que os norteiam. É nesse ato de vigilância constante que reside o rigor científico (2).

Finalizando, gostaríamos de reafirmar que a fenomenologia se constitui em um caminho metodológico para os enfermeiros produzirem conhecimentos científicos e em referencial para nortear sua prática. Conhecer sua fundamentação teórica onde se inserem seus pressupostos filosóficos, pilares de sustentação de suas idéias, é requisito básico para o desenho metodológico de pesquisas. Naturalmente que não nos foi possível abordar nesse artigo como se realiza uma investigação fenomenológica; pudemos tão somente situá-la no contexto da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, vale lembrar que há caminhos diferentes, percorridos por diferentes pesquisadores, interessados em objetos de naturezas diversas. Cada um desses caminhos contribui para o avanço do conhecimento, se conduzido com rigor metodológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BICUDO, M.A.V. A pesquisa em educação matemática: realidade e perspectivas. A fenomenologia. IBGE. UNESP. Rio Claro, 1991 (Mimeografado).
2. BOEMER, M.R. & ROCHA, S.M.M. A pesquisa em enfermagem: notas de ordem histórica e metodológica. Revista Saúde e Sociedade (no prelo).
3. CAPALBO, C. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 3º, Florianópolis. Anais. Florianópolis, U.F.S.C., 1984, p.130-157.
4. CAPALBO, C. Fenomenologia e educação. Forum

- Educacional, 14(3): 41- 61, jun/ago. 1990.
5. CHAUI, M., Convite à filosofia. 5^a ed. São Paulo, Editora Ática S/A, 1995.
 6. FORGHIERI, Y.C. (Org). Fenomenologia e Psicologia. São Paulo. Cortez/Autores Associados, 1984.
 7. HUSSERL, E. A filosofia como ciência do rigor. 2^a ed. Coimbra, Atlântida, 1965.
 8. MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. A pesquisa qualitativa em psicologia. Fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Moraes/Educ., 1989.
 9. PALMER, R.E. Hermenêutica. Trad. Lisboa Edições 70, 1969.
 10. RAY, M.A. A philosophical method to study nursing. In: LEININGER, M.M. (ed). Qualitative Research. Methods in Nursing. New York. Grune & Stratton, 1985.
 11. SAUER, J.L. Using a phenomenological research method to study nursing phenomena. In: LEININGER, M.M. (ed.) Qualitative Research. Methods in Nursing. New York. Grune & Stratton, 1985.
 12. SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.
 13. TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.